

# Revista de Saúde Pública

---

# Journal of Public Health

Editorial

*Editorial*

**A comunidade europeia, o euro e a ciência**

The european community, the euro and science

Oswaldo Paulo Forattini  
*Editor Científico*

## A comunidade europeia, o euro e a ciência

### The european community, the euro and science

Corria o ano de 1958. Nessa oportunidade nascia o conhecido “Tratado de Roma”. Inicialmente assinado pela então Alemanha Ocidental, Bélgica, França, Holanda, Itália e Luxemburgo, estabelecia aquilo que viria a ser o “Mercado Cumum Europeu” com sede em Bruxelas. Dele se originou a chamada “Comunidade Européia”(CE) como organização política e econômica. Visando a estimular o relacionamento entre esses países, a CE objetivou, de início, fortalecer a competitividade com maiores poderes econômicos do Mundo. Embora com alguma relutância por parte de certas populações, essa Comunidade cresceu e ampliou os seus objetivos. Assim, estabeleceu programa quadrienal de pesquisa científica e tecnológica. De momento encontra-se o início do quinto Programa, previsto para o período de 1999-2002. Ao mesmo tempo, assiste-se ao lançamento recente da moeda unificada que recebeu o nome de “euro”. E isso embora sem a total adesão dos países-membros e, de momento, com utilização limitada às transações financeiras, prevendo-se o uso corrente a partir do ano 2002.

Face a esse quadro, merece atenção o fato de aderirem ao referido Programa países centro-europeus os quais anteriormente se encontravam na esfera do sistema político-socialista, encabeçada pela antiga União Soviética. Orçado em 17,6 bilhões (4,6% a mais do anterior), esse Programa inclui várias categorias de pesquisa, principalmente de cunho aplicado. Algumas chamam a atenção pela abrangência temática, como a da qualidade de vida e a do gerenciamento de recursos vitais (Koenig<sup>1</sup>, 1999).

Para essas atuais nações, a inclusão representa, além do aumento de oportunidades para a pesquisa, também sério risco. A competição pelo financiamento deverá ser intensa, uma vez que os pesquisadores terão pela frente a concorrência de equipes fortes, como as representadas pelas da Alemanha, da França e do Reino Unido (Inglaterra). A conquista dos auxílios deverá se dar pela avaliação qualitativa internacional da pesquisa e da oportunidade de aplicação. Assim, os pesquisadores da Hungria, Polônia, República Checa e Romênia, além de outras, terão de conviver com nova orientação resultante do processo de transição dos magros orçamentos socialistas para a competitividade do “livre-mercado”. Para eles não havia alternativa. O financiamento da atividade científica tem sido problemático para essas sociedades. E é precisamente porque a ciência é considerada prioridade nacional que elas se dispõem a descer à liça da CE. Atente-se ao detalhe de, após o subsídio conseguido do quinto Programa, ocorrerá o consumo de cerca de um décimo do já reduzido orçamento nacional destinado à pesquisa científica de vários desses países.

De maneira geral, durante o período da “Guerra Fria”, as atividades científicas realizadas além da “Cortina de Ferro” não apresentavam aspecto de intenso intercâmbio com outras nações. Isso, no dizer desses governos, com o intuito de evitar-lhes a “influência corruptora”. Esse aspecto mudou após a queda do muro de Berlim em 1989. Logo em seguida, os Estados Unidos (EUA)

lançaram programa de pesquisas conjuntas com, entre outras, a então Checoslováquia. Se bem que longe de ser vultosa, a contribuição norte-americana revestia-se de apreciável papel psicológico para a comunidade científica checa. Não obstante, logo após, os interesses desses auxílios voltaram-se para as atividades de antigos pesquisadores soviéticos que trabalhavam com armamentos. Dessa maneira, sentindo-se um tanto frustrados, os países da Europa Oriental não tiveram alternativa se não aquela de se voltarem para o programa da CE (Stone<sup>2</sup>, 1999).

Para concluir, ao que tudo indica, a Comunidade Européia está-se expandindo cientificamente. Tendo a capacidade de produzir mais de seis trilhões por ano contra os mais de oito dos EUA, recursos não lhe faltam. E nós? Em relação à ciência, como se comportará o tão decantado “Mercosul”? No mesmo momento atual (primeiro semestre de 1999) assiste-se a verdadeiro desabamento das Bolsas de Valores, atribuído precipuamente à desvalorização da moeda do Brasil. Assim, parece que as perspectivas não são animadoras. Em sociedades como a nossa talvez a pesquisa científica não seja considerada como atividade prioritária. Prefere-se importá-la.

Oswaldo Paulo Forattini  
*Editor Científico*

## REFERÊNCIAS

1. Koenig R. Eastern Europe's research gamble. *Science* 1999; 283:22-4.
2. Stone R. End of joint programs leaves researches feeling jilted. *Science* 1999; 283:26.